

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1912, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense e publicou os seguintes livros: *Paradas* (Odebrecht, 1911), *Paradas* (Odebrecht, 1912), *Paradas* (Odebrecht, 1913), *Paradas* (Odebrecht, 1914), *Paradas* (Odebrecht, 1915), *Paradas* (Odebrecht, 1916), *Paradas* (Odebrecht, 1917), *Paradas* (Odebrecht, 1918), *Paradas* (Odebrecht, 1919), *Paradas* (Odebrecht, 1920), *Paradas* (Odebrecht, 1921), *Paradas* (Odebrecht, 1922), *Paradas* (Odebrecht, 1923), *Paradas* (Odebrecht, 1924).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese sobre o período de 1896 a 1900, sob o ponto de vista acadêmico, discutindo temas jurídicos. Após o período de 1900, trabalhou como advogado quando foi eleito presidente do estado. Durante o período de 1900 a 1905, trabalhou como advogado. Com a ajuda de Leonardo Melo, advogado, foi eleito presidente do Conselho Acadêmico, ocasião em que o nome de Justiniano José de Serpa foi inscrito na Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPE

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proconceito
Resurgem novos deuses,
Trazendo a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria é Glória condida.

Os céus se vestem de espumas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

EDUARDO DIATAHY BEZERRA DE MENEZES

Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes nasceu em Fortaleza no dia 28 de abril de 1935. Bacharelado e licenciatura em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia do Ceará, em 1959 e em Pedagogia, pela Faculdade Católica de Filosofia, agregada à Universidade do Ceará, em 1965. Obteve uma bolsa do governo francês e foi aluno de Jean Piaget (Epistemologia) e de Georges Gurvitch (Sociologia), na Sorbonne, Paris, França. Fez cursos de especialização em Pesquisas Educacionais, em São Paulo e no Departamento de Desenvolvimento Humano da Universidade de Chicago, Estados Unidos. Doutorado em Sociologia do Conhecimento, na Universidade de Tours, França e pós-doutorados na Sorbonne e na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais do Colégio de França, em Paris. Professor titular de Sociologia da UFC tendo assumido a coordenação de pós-graduação dessa disciplina. Foi professor visitante da Universidade de Colônia, Alemanha.

Escritor, ensaísta e poeta, tendo publicado mais de 300 artigos em periódicos e colaborado com mais de 40 livros. Obras principais: *TESES – Une épistémologie des Sciences de l'Homme – aspects de la contribution de Jean Piaget*, 1976 e *O enigma do Jano Caboclo*, 1980; *ESTUDOS – O pensamento brasileiro de clássicos cearenses*, volume I, 2005 e *O pensamento brasileiro de clássicos cearenses*, volume II, 2006.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 9 de maio de 1997, sendo saudado pelo acadêmico Pedro Paulo Montenegro. Ocupa a vaga deixada pelo romancista Fran Martins, cadeira número 5, cujo patrono é Papi Júnior. Membro titular da Association Internationale de Sociologues de Langue Française (AISLF), da International Sociological Association (ISA), do Instituto do Ceará, Histórico, Geográfico e Antropológico e da Associação Brasileira de Bibliófilos.

APRENDIZAGEM DE SOLIDÃO

PARA ALGUÉM QUE PARTIU

*Solidão é a presença que se fez saudade
e o espaço em torno que se enche
de vazio e de espanto
E nas fronteiras do espírito
voluteiam as sombras de lembranças
do tempo que se fez ausência
tornando próximo e íntimo
o que ficou distante e estranho*

*Sinto o tormento de fantasmas
que tecem com fios de medos e de símbolos
a teia de insegurança dos mutilados
enquanto escoo o rio da infância
nos porosos territórios da memória
e se desvanecem
como em céu de estiagem
as tênues nuvens de sonhos e ilusões*

*Vejo a aquarela de pernas e de barbas
que transitam incessantes e nada me dizem ou trazem
E o mergulho até o fundo
para ouvir os silêncios
que povoam a solidão
sem conseguir apanhar as vozes
que elaboram a sinfonia das auroras
nem construir de desejos e anseios
a arquitetura das expectativas
esculpidas de pobres esperanças...*

Natal de 1982

FONTE: BEZERRA DE MENEZES, EDUARDO DIATAHY. APRENDIZAGEM DE SOLIDÃO. *JORNAL DE CULTURA*, FORTALEZA: UFC, v. 2, n. 13, p. 4, 1984. (POEMA SELECIONADO PELO AUTOR).